

V CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA

**ARQUIVOLOGIA E INTERNET:
CONEXÕES PARA O FUTURO**

01 a 05 de Outubro 2012 | Salvador-BA
Pestana Bahia Hotel

ENCONTROS PARALELOS

www.enara.org.br/cna2012
Salvador. A Capital Nacional da Arquivologia em 2012

SUMÁRIO

III ENCONTRO NACIONAL DE ARQUIVOS DO 3º SETOR

A informação arquivística como substrato cultural na consolidação da memória coletiva, Danielle Alves

Movimentos Sociais e Arquivo: A importância da documentação no processo de construção da memória, Fernanda Monteiro (UNIRIO)

Acesso e uso da informação em arquivos sob a perspectiva dos serviços de difusão cultural e ações educativas, Thais Santos

Movimentos Sociais na Zona Oeste: Arquivos e narrativas, William Vieira

VI REUNIÃO DE ARQUIVOS JUDICIAIS DO BRASIL

Lei de Acesso à informação pública e a gestão documental no judiciário, Neide De Sordi (Mestre em Ciência da Informação e Bacharel em Biblioteconomia e Documentação – Universidade de Brasília-UNB).

A automatização da eliminação de autos findos no Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas à luz da Recomendação 37 do CNJ, Manoel Pedro de Souza

Aplicabilidade da tabela de temporalidade de documentos unificada do Poder Judiciário – processos judiciais, no Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, Maria Rosa Torres Susana Arquivista pela UNI-RIO, Chefe de serviço de Gestão de Instrumentos Arquivísticos do TJRJ, Analista de sistemas – PUC-RJ. Integrante do PRONOME/CNJ.

III ENCONTRO NACIONAL DE ARQUIVOS MÉDICOS

O prontuário eletrônico como unidade de transferência e criação de conhecimento em saúde, Francisco Pedroza (UFBA)

VI ENCONTRO DE ARQUIVOS PÚBLICOS MUNICIPAIS

A atuação do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo nos convênios com os Arquivos Municipais capixabas através do PROGED: Programa de Gestão Documental, Anderson Gomes Barbosa (Arquivista do Arquivo Público Estadual do ES)

A gestão do patrimônio histórico documental no Arquivo Público Municipal de Campos - RJ, Carlos Roberto Bastos Freitas (Diretor do Arquivo Público de Campos – RJ)

VII ENCONTRO DE PALEOGRAFIA E DIPLOMÁTICA

Paleografia e diplomática, João Euripedes Franklin Leal (UNIRIO)

Documentos y diplomática de instituciones hispanoamericanas, Branka Tanodi (Universidad de Córdoba/ Argentina)

I ENCONTRO NACIONAL DE ARQUIVOS PRIVADOS

Memória Organizacional

Palestrante: Louise Anunciação Fonseca de Oliveira (UFBA)

MOVIMENTOS SOCIAIS NA ZONA OESTE: ARQUIVOS E NARRATIVAS

WILLIAM DE SOUZA VIEIRA*

1-INTRODUÇÃO

A Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro consiste em uma região que abrange diversos e diferentes bairros, como por exemplo: Jacarepaguá, Campo Grande, Barra da Tijuca, Sepetiba, entre outros. Essa diferença pode ser percebida para além da questão geográfica, histórica e até cultural, ela é percebida também na maneira como a Zona Oeste encontra-se fragmentada, principalmente se compararmos bairros como Barra da Tijuca e Paciência, além da diferença presente no IDH desses dois bairros, observamos outras significativas, relativas, por exemplo, a questão da oferta de alternativas de lazer e espaços culturais. Enquanto que na Barra da Tijuca encontramos pelo menos duas dezenas de salas de cinema em Paciência, Cosmos e Inhoaíba, por exemplo, não existe cinema, nem teatro, o que efetivamente limita aos moradores o acesso a este tipo de espaço de lazer e de transmissão cultural.

A Zona Oeste corresponde a cerca de 60% da área do município do Rio de Janeiro e abriga mais de 2 milhões de habitantes, abrangendo bairros populosos como Campo Grande, com mais de 250 mil moradores e que apresenta atualmente um crescimento populacional significativo, ou então regiões afastadas do centro da cidade como Sepetiba, por exemplo.

Presente na história da cidade desde a sua ocupação no século XVI a região se destacou pelo seu papel associado à produção agrária e abastecimento da região central. A ocupação ocorreu de forma desordenada, como em quase toda a cidade. Até a primeira metade do século passado predominava na região um cenário rural, vale lembrar que a Zona Oeste já foi chamada de sertão carioca, zona rural até ganhar a nomenclatura de Zona Oeste.

A urbanização acelerada da região é percebida na segunda metade do século XX e foi processada em diferentes etapas. É preciso destacar os processos diferentes ocorridos em regiões da Zona Oeste como Jacarepaguá, Barra da Tijuca e Recreio, fato que não pretendo analisar neste trabalho, que tem como proposta trabalhar com os bairros que abrangem a região de Bangu até Santa Cruz.

* Professor da SME/RJ e da UNIGRANRIO, Doutorando em Memória Social-UNIRIO, Mestre em Memória Social-UNIRIO e Licenciado em História pela UERJ.

As décadas de 1950 e 1960 testemunharam o crescimento dos loteamentos, a grande maioria destes ocorreu em áreas que antes eram sítios e chácaras, essa onda foi percebida com mais ênfase em Campo Grande, a segunda onda de urbanização ocorre na década de 1980 com a construção de inúmeros conjuntos habitacionais, entre eles o conjunto Otacílio Câmara, chamado de Cesarão, em função de sua proximidade com a Avenida Cesário de Melo, em Santa Cruz, região que recebeu muitos outros conjuntos habitacionais como João XXIII, Liberdade, entre outros. A terceira onda de urbanização é mais recente e começa no final do século XX e ainda está em andamento.

A urbanização e ocupação desordenadas da região contribuíram de forma decisiva para o seu desenvolvimento, adquirindo ao mesmo tempo uma série de mazelas e preconceitos. O desenvolvimento diferenciado entre os bairros que fazem parte da pesquisa consiste em um elemento extremamente importante.

Essa diversidade de realidades contribui efetivamente para a construção de diferentes memórias sobre a região e seus moradores, quase sempre relacionadas à pobreza, a violência e ao abandono.

O objeto da pesquisa que desenvolvo no âmbito do Programa de Pós Graduação em Memória Social da UNIRIO se refere aos movimentos sociais presentes nos bairros citados e como sua prática contribuiu e ainda contribui na construção de uma identidade social. A concepção de movimento social que se pretende trabalhar está associada às práticas diversas ocorridas ao longo do século XX e início do século XXI.

Algumas ações organizadas podem ser destacadas ao longo do século XX na região, as primeiras podem não ter as características de ação creditada aos movimentos sociais atualmente, mas são importantes do ponto de vista da participação social e de uma vinculação identitária com elementos da região.

Destacamos por exemplo mobilizações pela estatização da Faculdade de Filosofia de Campo Grande (FEUC), pela emancipação do bairro, ambos na década de 1980. Tanto um movimento como outro não foram espontâneos e tiveram lideranças de grupos da região, buscava-se naquele momento aglutinar forças a partir de elementos de apelo social e comunitário, mesmo que esses dois movimentos não tenham tido o resultado esperado eles serviram para comprovar a existência de uma mobilização capaz de pelo menos reunir a comunidade.

No início da década de 1990, outro movimento mobilizador ocorreu em Campo Grande. Foi à tentativa de reverter à venda do Cine Palácio Campo Grande para a Igreja Universal do Reino de Deus, episódio que pesquisei durante a construção de minha dissertação de Mestrado intitulada “Cenas da Cidade: de Cinema à Igreja, a memória do cine Palácio Campo Grande”. Pude observar através de entrevistas e do abaixo assinado presente no processo de tombamento do prédio uma mobilização significativa em função da possibilidade da perda de um espaço de cultura e lazer significativo para a comunidade.

Percebe-se que é possível também analisar essa manifestação pelo olhar da busca de uma construção identitária, pois a luta principal era para não perder um espaço que era uma referência para a comunidade, ou seja, um espaço identitário. Essa mobilização teve como resultado o tombamento do prédio, porém o mesmo funciona como Igreja até hoje. Mesmo não conseguindo reverter à venda, a luta e a mobilização da comunidade obteve pelo menos a garantia da continuação da existência do prédio que até hoje ainda é uma referência na memória da comunidade.

Num campo diferente encontramos mobilizações para a preservação da memória e da história da Zona Oeste e de seus bairros, é o caso do Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica (NOPH), localizado em Santa Cruz e que reúne vasto acervo sobre a história da região, no mesmo bairro a mobilização de um determinado grupo contribuiu para a construção do Ecomuseu e posteriormente do corredor cultural do matadouro em Santa Cruz. Compreendemos que tal iniciativa vem contribuindo de alguma forma na construção da identidade de diferentes comunidades, principalmente aquelas que são de alguma forma afetadas tanto pela existência do corredor cultural, do ecomuseu e do próprio NOHP.

Ainda no campo das ações sociais outros atores entraram em cena ao longo das décadas de 1980 e 1990, gostaria de destacar três que pretendo pesquisar, bem como os anteriores já citados.

O Primeiro é o Centro de Apoio ao Movimento Popular Organização Social da Zona (CAMPO-OS), fundado em 1986 e com base de atuação em três áreas: Educação, Juventude e Saúde. O CAMPO possui uma sede própria no bairro de Campo Grande e vem desenvolvendo ações de apoio a diversos grupos e comunidades, além de contar com projetos de Hip-Hop, oficina de grafite, cursos na área de saúde, entre outras ações.

O interesse pela atuação do CAMPO vai ao encontro de nossa proposta de pesquisa, principalmente quando nos propomos a analisar a sua ação e a construção de uma memória da própria entidade na sua relação com a comunidade e diferentes grupos sociais. Acreditamos também que o CAMPO possa nos oferecer subsídios para o contato com outros grupos do movimento social nos bairros da Zona Oeste que se pretende pesquisar.

A segunda ação de caráter social é aquela que ocorre na formação de diversos cursos de Pré-Vestibulares comunitários no espaço que compreendem os bairros de Bangu a Santa Cruz. Inspirados pela dificuldade encontrada pelos alunos da rede pública de terem acesso ao curso superior, essas iniciativas começaram a se propagar pela Zona Oeste, especificamente no início dos anos 1990, sendo que a primeira ocorre em Campo Grande, a seguir outros bairros como Paciência, Santa Cruz, Bangu e outros locais próximos desenvolvem experiências semelhantes.

Compreender essas ações mesmo que desarticuladas como ações que contribuem para a construção de uma identidade, consiste em elemento singular para o desenvolvimento da pesquisa. Por outro lado, analisar e compreender como a memória dessas ações é percebida pelos moradores da região é uma tarefa bastante interessante do ponto de vista da proposta de pesquisa que se pretende realizar.

A terceira ação envolve o Núcleo Socialista de Campo Grande, e o recém criado Instituto de Formação Humana e Educação Popular (IFHEP), as duas atuações estão interligadas. Formado por militantes de origem diversas o Núcleo Socialista de Campo Grande atua com projetos de formação e educação popular usando praças, casas de moradores o calçadão de Campo Grande e agora com a construção do IFHEP, em uma casa na região central do bairro. Apesar de estar centralizado em Campo Grande sua ação abrange a área que recortamos para a nossa pesquisa. Compreendemos que além da ação desenvolvida no tempo presente os participantes do núcleo socialista podem contribuir significativamente com nossa pesquisa que envolve a memória dos movimentos sociais nos bairros de Bangu a Santa Cruz, principalmente por sua diferente atuação em movimentos anteriores.

Mesmo compreendendo que a maioria dos casos citados até aqui tenham uma referência ao bairro de Campo Grande, compreendemos que as ações dos movimentos sociais citados acima tenham uma abrangência para os outros bairros recortados para nossa pesquisa, além de conterem um sem número de referências a outras ações realizadas por outros movimentos sociais.

Essa memória e também uma possível identidade social é muitas vezes negada, principalmente pelos meios que formam opinião. A tentativa de construção de uma memória oficial da região está associada à descaracterização dos diferentes elementos culturais e sociais construídos nos bairros e que podem refletir uma possível identidade.

Quando nos referimos a uma memória e uma identidade social, estamos falando de um conjunto de elementos que podem nos permitir compreender diferentes situações. Esses elementos estão presentes nas diferentes memórias que constituem nosso objeto de pesquisa.

Neste trabalho destaco dois dos quatro movimentos sociais pesquisados: O Núcleo de Orientação e Pesquisa Histórica (NOPH) e o Núcleo Socialista de Campo Grande e a relação destes com seu acervo documental, elemento que contribui para a construção de diferentes memórias e diferentes identidades.

A questão dos acervos documentais ganha importância à medida que retratam as trajetórias específicas e os tipos de ações desenvolvidos por cada grupo pesquisado. O NOPH como um centro de documentação possui um vasto acervo sobre a história da Zona Oeste, em certa medida essa característica exerce influência decisiva na construção de sua identidade.

A presente comunicação abordará estes diferentes aspectos referentes a relação entre memória, identidade e construção de acervos documentais, em linhas gerais como está prática pode influenciar na maneira como as memórias são construídas e sua relação com a construção identitária destes movimentos sociais.

2- O EMBASAMENTO TEÓRICO:

A presente pesquisa envolve amplos conceitos que necessitam de embasamento teórico.

Pretende-se utilizar metodologias que sejam adequadas às fontes da pesquisa, isto porque estaremos diante de realidades específicas, encontraremos nesta pesquisa fontes orais, documentais, fotografias, imagens em vídeos enfim diferentes tipologias que nos permitirão transitar por métodos diferenciados, como o da história oral e também da análise de documentos e imagens e do discurso.

Com relação aos aspectos referentes à memória dos espaços culturais e dos movimentos sociais buscaremos trabalhar com a metodologia da história oral, utilizando alguns recursos como, por exemplo, o das entrevistas que serão realizadas com moradores dos

bairros e pessoas envolvidas tanto com os espaços de cultura como também com os movimentos sociais. Utilizaremos a contribuição de ALBERTI (2004) e AMADO e FERREIRA (2001) e PORTELLI (2010), pois consideramos que ambas as autoras são de fundamental importância na utilização desta metodologia.

Quando a pesquisa sobre a memória e a identidade dos movimentos sociais nos permitir o uso de documentos, realizaremos a sua análise com base na contribuição de LE GOFF (2003), GOHN (2010, 2011) autora que estabelece uma teorização a respeito dos movimentos sociais no Brasil.

Compreendemos que o uso da metodologia da história oral, com a técnica de entrevistas pode nos possibilitar múltiplas visões sobre as mesmas situações, porém percebemos que dessa maneira estaremos construindo possibilidades de expressões, e cabe ao rigor científico da pesquisa analisar as diferentes narrativas que possam surgir, ao mesmo tempo as expressões da memória e as diferenças não podem ser descartadas e substituídas por uma suposta verdade.

Com relação à História dos bairros estudados nos reportaremos aos acervos presentes também nos espaços que iremos pesquisar, em Bangu no Liceu literário que possui enorme acervo sobre a história do bairro e também no NOPH em Santa Cruz local que abriga em quantidade, informações documentais sobre a história da região.

Outras fontes de pesquisa são as obras de ABREU (2008) e os vários autores que escreveram sobre alguns aspectos históricos da Zona Oeste, além das obras de GERSON (2000) e SANTOS (1965) sobre respectivamente à história das ruas do Rio de Janeiro e a formação das freguesias cariocas que darão lugar aos bairros que formam a cidade. Além disso, podemos contar com fontes dos jornais de bairros, meios de informação muito comuns em Bangu, Campo Grande e Santa Cruz. Não descartamos também as narrativas dos moradores que serão trabalhadas dentro da metodologia da história oral já citada anteriormente.

Com relação à Memória Social como um conceito, compreendemos a sua característica de amplitude e sua multiplicidade de definições, pois não podemos formular um conceito de memória social no sentido clássico, em função da capacidade de mobilidade e do caráter transdisciplinar da Memória social. O trabalho de GONDAR e DODEBEI (2005) nos ajuda a compreender essa característica conceitual da Memória Social.

Por conhecer os perigos que enfrentamos no trabalho com conceitos múltiplos, opta-se por elencar estudiosos da memória social, que podem contribuir para a pesquisa, sem necessariamente limitar-se a apenas uma abordagem sobre a memória.

Gostaria de iniciar pela contribuição fundadora de HALBWACHS (2004), para especificamente a questão da memória coletiva, pois compreende-se que ao pesquisar grupos sociais esse conceito pode ser a eles aplicados na análise de suas memórias.

Podemos observar no trecho abaixo (HALBWACHS,2004:32), que nossas lembranças são fortalecidas e apoiadas nas lembranças dos outros, e que o reforço destas lembranças está no contato com aqueles que as viveram de forma conjunta. Dessa forma, o que mantém a nossa memória é o fato de nunca estarmos sozinhos, pois vivemos em sociedade e, conseqüentemente, fazemos parte sempre de algum grupo social, cuja existência consolida a nossa memória. Para o autor, não basta que outros nos reavivem a lembrança de algum momento que vivemos junto a um determinado grupo. É preciso mais do que isso.

Se, ao contrário, essa cena parece não ter deixado, como se diz, nenhum traço em nossa memória, isto é, se na ausência dessas testemunhas nós nos sentimos inteiramente incapazes de lhe reconstruir uma parte qualquer; aqueles que nô-la descrevem poderão fazer-nos um quadro vivo dela, mas isso não será jamais uma lembrança.

Desta maneira poderemos perceber nas memórias dos diferentes grupos sociais e dos espaços de cultura a relação exposta pelo autor, analisaremos a memória destes grupos a partir das suas contribuições e experiências, para compreendemos que o sentimento de pertencimento ao grupo é fundamental.

A memória coletiva não se explicaria somente por uma imposição grupal sobre nossas lembranças, mas, acima de tudo, por uma complexidade que mantém um sentimento de pertença, uma ligação com determinado grupo, fato que preserva a lembrança do que se viveu no interior daquele grupo, como podemos observar no trecho abaixo (HALBWACHS, 200:37):

Mas poderemos dizer, assim, que o que está afetado é a faculdade em geral de entrar em relação com os grupos de que se compõe a sociedade. Então separamo-nos de um ou de alguns dentre eles, e deles unicamente. Todo o conjunto das lembranças que temos em comum com eles bruscamente desaparecem. Esquecer um período de sua vida é perder contato com aqueles que então nos rodeavam

As variações da memória nos levarão ao encontro da individualidade das lembranças, mesmo trabalhando com o conceito de uma memória coletiva, entendemos que a existência de uma memória individual se fará presente, neste caso específico trabalharemos com a contribuição de POLLAK (1989) e (1992). O autor traça uma relação entre a memória individual à construção de uma identidade social e nos permite perceber como a memória individual pode ser estabelecida.

Como trabalharemos com memórias de grupos, espaços e indivíduos não poderíamos de deixar de lado a ideia de lugares de memória, utilizando a contribuição de NORA (1993). Compreende-se que a pesquisa necessita deste elemento, pois os lugares especificamente estabelecidos como objetos de pesquisa podem conter essa condição, podem ser lugares de memória para aqueles que com eles mantêm algum tipo de relação, não podemos deixar de realizar essa análise que será de grande importância para a pesquisa.

Ao trabalhar com memórias de comunidades que são caracterizadas por uma visão marginal, ou seja, comumente chamada de sem voz, podemos nos reportar a outro autor que discute a memória a partir de um engajamento e trabalha a questão como uma forma, daqueles que não tem suas histórias e memórias reconhecidas, de utilização da frequente febre de memória do mundo atual. Esse autor é HUYSSSEN (2000) o qual utilizaremos para analisar a possibilidade do uso da memória como uma potência por parte dos grupos estudados.

Talvez essa febre de tudo preservar tenha contribuído para que elementos importantes constitutivos de diferentes grupos sociais marginalizados fossem preservados, não esquecidos, construindo assim uma “rememoração produtiva”, como podemos observar no trecho a seguir, (HUYSSSEN, 2000:35):

Portanto, agora nós precisamos mais de rememoração produtiva do que de esquecimento produtivo. Em retrospectiva, podemos ver agora como a febre histórica da época de Nietzsche funcionou para inventar tradições nacionais na Europa com vistas à legitimação dos estados-nações imperiais e para dar coerência cultural a sociedades conflitantes no turbilhão da revolução industrial e da expansão colonial. Em comparação, as convulsões mnemônicas da cultura do norte do Atlântico de hoje parecem em grande parte caóticas e fragmentárias, à deriva através das nossas telas.

Essa “rememoração produtiva” a qual Huyssen se refere é um elemento que nos ajuda a compreender o importante papel dos diferentes espaços e movimentos sociais na luta pela

construção de uma identidade social, percebendo então uma ação política que dá um novo sentido à febre de memória.

A febre de memória poderia, então, servir como contribuição para efetivas transformações, principalmente para aqueles grupos sociais que não têm sua cultura e história consideradas como tal. A comercialização da memória poderia ser revertida em produtividade.

Com relação à análise sobre o papel dos movimentos sociais inseridos nos bairros que abrigam a região de Bangu até Santa Cruz, necessitamos do auxílio da ajuda de autores que trabalham temáticas fundamentais que envolvem desde o espaço, práticas culturais, segregação entre outros elementos que caracterizam grupos sociais localizados em locais periféricos. Neste sentido nos referimos a autores diversos como: BOURDIEU (1987), (2003) e (2007) para o estudo das relações entre espaço social e lutas política, além dos conceitos de Campo do poder, habitus de classe, Campo intelectual entre outros que nos serão fundamentais.

Para uma análise sobre relações sociais no interior dos bairros estudados utilizaremos a contribuição de ELIAS (2000), dessa forma será possível uma compreensão profunda sobre as relações estabelecidas entre aqueles que se consideram dentro e fora dos sistemas estabelecidos e como as relações de exclusão são construídas. Ainda nessa análise importante das relações entre os grupos sociais periféricos, no caso dos bairros estabelecidos na pesquisa, utilizar-se-á também WACQUANT (2001) e (2008) que vem desenvolvendo uma contribuição bastante significativa sobre violência urbana e segregação, elementos presentes de forma significativa quando do estudo de comunidades consideradas de periferia.

Ao desenvolver-se uma pesquisa que envolve o espaço citadino compreendemos ser de suma importância apresentar uma discussão sobre a formação do espaço urbano, para tal tarefa as contribuições de LEFBVRE (2008), MUNFORD (2008) e HARVEY (2006, 2011) serão fundamentais, apesar de discutirem a temática por aspectos diferentes acreditamos ser fundamental a inserção de suas teses sobre a formação do espaço da cidade, fato que será trabalhado na futura pesquisa.

Para a temática relacionada à discussão sobre identidade encontramos a contribuição de autores que já foram citados como POLLAK (1992), BOURDIEU (2007), ELIAS (2000) que contribuem também para esta discussão. Como esta temática demanda grande

importância em nossa pesquisa gostaríamos de trabalhar também com três grandes autores que discutem a temática da identidade, são eles WEBER (1979) e (1991) que possui uma condição de autor clássico da sociologia e traz uma contribuição essencial para a análise que estamos propondo neste anteprojeto; HALL (2000) e (2003) onde podemos estabelecer relações entre a o tema identidade e o fenômeno chamado de pós-modernidade; e BAUMAN (2000), (2003), (2005) e (2008), autor de obras de referência sobre as transformações que o mundo globalizado provocou em conceitos e comportamentos considerados até aqui cristalizados, acreditamos que o trabalho do autor seja importante para a uma pesquisa que propõem a temática da memória relacionada à construção de uma identidade social.

Ao elencarmos diferentes autores para a construção de um referencial teórico temos que ter consciência das dificuldades que a tarefa nos impõe, dificuldade que pode ser ainda mais desafiante quando trabalhamos com autores que traduzem tradições teóricas diversas, porém a experiência com a pesquisa em memória social nos ensina que é possível trabalhar com essas diferenças quando sabemos exatamente como utilizar a teoria dos autores,

O cuidado que teremos em nossa pesquisa é exatamente esse, saber dialogar com os autores e suas diferenças, mas acima de tudo encontrando similitudes e abordagens que nos auxiliem e contribuam de forma decisiva para a pesquisa, ampliar os conceitos e as contribuições dos autores, enfim construir um novo conhecimento e saber utilizar as diversas possibilidades metodológicas e teóricas que a pesquisa em memória social nos possibilita.

3- O NÚCLEO SOCIALISTA DE CAMPO GRANDE

Um dos movimentos sociais pesquisado é o núcleo socialista de Campo Grande, com uma atuação que extrapola o bairro, o núcleo é formado especificamente por militantes com origens diversas e com uma atuação que tem início no final da década de 1990.

Ao entrevistar de forma ainda inicial uma das lideranças deste movimento o sociólogo e educador popular Tobias Tomines podemos observar e conhecer um pouco da trajetória do núcleo socialista de Campo Grande.

O Núcleo socialista é herdeiro dos núcleos do PT em Campo Grande, isto ocorre no final da década de 1990, quando a prática de núcleos já não era tão consistente assim. Então a gênese deste movimento social é partidária. Em 2002 as lideranças do núcleo se desfiliam do PT, mas mantêm a proposta de um núcleo socialista que começa então a ganhar uma cara não partidária, mas um espaço de formação política e também de atividades de massa.

Esse processo de ruptura com a estrutura partidária ocorre exatamente no momento que o PT chega ao poder e revela um distanciamento das lideranças do partido em relação a suas bases, no caso específico do núcleo esse distanciamento foi fundamental para nascer então um novo espaço de atividade política.

Uma das atividades realizadas pelo núcleo socialista é a educação popular, realizada em comunidades bastante empobrecidas da região. O trabalho consiste na realização de diversas atividades educativas com os moradores, proporcionando aos mesmos instrumentos de tomada de consciência, de valorização da cultura e de suas práticas comunitárias bem como o convite ao engajamento social. Uma das atividades realizadas era a exibição de filmes seguidas de debates em praças ou nas casas de moradores, algumas exibições eram somente para crianças e outras para todas as idades. Após a exibição dos filmes os moradores eram convidados a participar de um bate-papo sobre o filme. A maioria destas comunidades sofre com a violência de grupos armados tanto do lado do tráfico como de grupos paramilitares da região conhecidos como milícias, esse fato contribuiu para a criação de uma forte segregação no interior da região que engloba essas comunidades, mais especificamente em Campo Grande, estamos falando da favela do barbante, da carobinha entre outras comunidades.

Com relação a esse aspecto segregacional Wacquant (2001) nos chama a atenção para as condições em que a mesma é estabelecida e também para o fato da associação entre pobreza e marginalidade, elemento desenvolvido de forma proposital com o objetivo de criar elementos que justifiquem os discursos e as práticas de segregação, o mesmo autor ao pesquisar o gueto americano nos permite pensar que nas favelas do Rio de Janeiro, ou então nas comunidades, a segregação ocorre em função de vários aspectos que vão desde a extrema pobreza até o isolamento cultural, político. O elemento segregador é forte e coloca as pessoas que vivem nesses espaços em situação de extrema segregação social. É possível então perceber que a realidade dos espaços de atuação do núcleo socialista é a de comunidades que podem ser consideradas extremamente segregadas.

Além da atuação nas comunidades com atividades de educação e disseminação cultural o núcleo tem um conjunto de atividades de massa, assim chamadas por serem desenvolvidas no calçadão de Campo Grande, lugar de intenso movimento de pessoas em função do forte comércio do bairro que atrai pessoas de outros bairros próximos a Campo Grande

Segundo Tobias Tomines as ações de massa no calçadão ocorrem nas seguintes datas: No dia Internacional da mulher, no dia do trabalhador e da trabalhadora, no dia 7 de Setembro no grito dos excluídos e também no dia 20 de Novembro, dia da consciência negra.

As atividades no calçadão são, segundo Tobias Tomines, educativas e formativas, são atividades que envolvem aulas públicas, apresentações de teatro, reivindicações com panfletagem e diversos discursos de lideranças e participantes de outros movimentos sociais.

Ainda a partir da fala de Tobias Tomines, o núcleo socialista contribuiu para a formação do Instituto de formação humana e educação popular, IFHEP, que não significou o fim do núcleo socialista, mas uma atuação como uma espécie de braço político do IFHEP. Outro esclarecimento sobre o IFHEP e o núcleo é que ambos não se configuram como uma ONG, mas como espaços de ação e formação.

Uma das afirmativas que me chamaram a atenção no depoimento de Tobias foi o fato de o mesmo admitir a inexistência de registros das atividades do Núcleo, como por exemplo: atas das reuniões e encontros mensais, entre outros documentos considerados formais que tratem de registros da atuação do núcleo socialista de Campo Grande.

A ausência destes registros formais podem ser bastante significativos no que tange a formação identitária do núcleo socialista, pode representar uma preocupação ou uma opção do grupo em organizar as atividades sem necessariamente ter que realizar um registro de sua atuação.

Por outro lado em rápida pesquisa no site do IFHEP e sites de redes sociais como o Facebook, por exemplo identifiquei panfletos, cartazes e fotos sobre as atividades do núcleo, considerando que a tipologia de documento pode ser múltipla e observando que qualquer vestígio pode servir de fonte para o pesquisador, destaco que esses elementos de registros não formais constituem uma valiosa contribuição para uma compreensão das ações do movimento.

Desta maneira podemos então levantar algumas questões: Primeiro como o núcleo socialista se relaciona com sua memória a partir da inexistência de um acervo documental formal? Segundo como as fontes produzidas pelas diversas ações podem nos ajudar a compreender os elementos identitários do grupo? E por último e não menos importante de que maneira a questão do acervo, sua existência ou não, podem contribuir para uma análise da relação estabelecida entre identidade e memória?

4- O NÚCLEO DE ORIENTAÇÃO E PESQUISA HISTÓRICA- NOPH

O NOPH localizado no bairro de Santa Cruz, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro funciona desde 1983 como um centro de documentação e atualmente está integrado ao corredor cultural em Santa Cruz, onde ainda faz parte o Ecomuseu, uma experiência inovadora iniciada a partir do NOPH.

Como o próprio nome indica o NOPH funciona como um centro de documentação da história da Zona Oeste, contendo inúmeros documentos que podem ser consultado por pesquisadores, estudantes e a comunidade em geral.

A diferença fundamental que podemos observar na prática do NOPH é sua clara vocação para o arquivamento documental e a preocupação com a catalogação e o registro, fato que colabora decisivamente para a construção identitária deste movimento social. A identidade do NOPH é marcada pela prática do registro, fator que se faz fundamental em função do seu papel.

A maneira como o NOPH é reconhecido apresenta uma ligação extrema com o documento e sua preservação, sua conservação e sua disponibilidade para as consultas. Colaborando para manter e consolidar a característica arquivística do NOPH, encontramos uma publicação mensal, um jornal intitulado quarteirão, que está em seu número 97. Esta publicação é editada pelo NOPH e faz parte do quarteirão cultural de Santa Cruz, funciona como instrumento de divulgação do NOPH e ao mesmo tempo como preservação de sua memória e história, consiste em uma de minhas fontes de pesquisa.

Como a pesquisa ainda se encontra em sua fase inicial, ainda não dispomos de dados e elementos que nos permitam uma análise com mais profundidade, cabendo num primeiro momento registrar as impressões presentes no texto.

5- CONCLUSÕES INICIAIS

O núcleo socialista existe a mais de 10 anos e atua na Zona Oeste, mas desenvolve temáticas globais também, não possui nenhum acervo documental, Tobias Tomines me informou que não possui nem mesmo uma ata de reunião, o que me chamou a atenção e faz da narrativa um fator fundamental, o registro oral a partir das lembranças dos participantes torna-se então a única fonte de rememoração, aqui a história oral desempenha papel fundamental.

Neste sentido podemos concluir preliminarmente que as ações deste movimento social foram construídas ao longo de mais de uma década, envolvem atividades de formação, de base e também de massas, tem uma pauta específica de atividades e está associada a um espaço físico, é composto de ex-militantes do Partido dos Trabalhadores em sua maioria.

O NOPH que existe a cerca de 29 anos, carrega uma marca indelével de um centro de documentação lugar onde a questão do arquivamento, do registro se mostram fundamentais. Em uma análise ainda preliminar percebemos que um dos elementos que identifica o NOPH é exatamente o seu papel de lugar de memória de uma região tão carente de preservar a sua história e a sua memória.

Desta maneira o que marca este movimento social é sua preocupação com a conservação de elementos que possam colaborar para a construção de novas narrativas no sentido da preservação da história da Zona Oeste e conseqüentemente de seus bairros.

Ao mesmo tempo em que o trabalho da memória se relaciona com o do esquecimento verificamos que a relação com a história oral e o registro dos depoimentos como forma de rememorar e possibilitar uma análise das atuações do grupo pesquisado, faz-se necessária e fundamental.

Estamos no ponto inicial de uma pesquisa que pretende ir mais além, compreender como a memória dos movimentos sociais se articula com a construção das identidades destes grupos e qual os significados desta construção identitária se ela efetivamente existir.

5- REFERÊNCIAS

- ABREU, Maurício de A. **Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. 4ª ed. 1ª Reimpressão. Rio de Janeiro: IPP - Instituto Municipal Pereira Passos, 2008.
- ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar – Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: FGV. 2004.
- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Em Busca da Política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- _____. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999a.
- _____. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999b.

- _____. **O mal-estar da pós modernidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- _____. **Comunidade,** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- _____. **Identidade,** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- _____. **A Sociedade Individualizada: vidas contadas e histórias vividas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense. 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva. 1987.
- _____. **A Miséria do Mundo.** (Org.). Petrópolis. RJ: Vozes. 2003.
- _____. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2007.
- ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders.** Rio de Janeiro: Jore Zahar Editor. 2000.
- FRÓES, José Nazareth de Souza; GELABERT, Odaléa Ranauro Ensenat. **Rumo ao Campo Grande por trilhas e caminhos. 1565-1965.** Rio de Janeiro: Gráfica Brunner, 2004.
- GERSON, Brasil. **História das ruas do Rio.** Rio de Janeiro, Lacerda Editores, 2000.
- GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos Movimentos Sociais.** 9ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- _____. **História dos Movimentos e Lutas Sociais.** 6ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- _____. **Novas Teorias dos Movimentos Sociais.** 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar.** 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- GONÇALVES, André Gustavo Papera. **Memórias históricas da Zona Oeste.** Rio de Janeiro, Editora Rio, 1998.
- GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera (Orgs.). **O que é memória social.** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2005.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- _____. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG. 2003.
- HARVEY, David. **Espaços de Esperança.** 4ªed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- _____. **A produção capitalista do espaço.** 2ªed. São Paulo: Annablume, 2006.

- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: Arquitetura, monumentos, mídia.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LEFEBREV, Henri. **O direito à cidade.** 5ª ed. São Paulo: Centauro, 2008.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas, São Paulo, Editora da UNICAMP, 2003. 5ª edição.
- MANSUR, André Luis. **O velho Oeste Carioca. História da ocupação da Zona Oeste do Rio de Janeiro (de Deodoro a Sepetiba). Do século XVI ao XXI.** Rio de Janeiro, Íbis Libris, 2008.
- MUNFORD, Lewis. **A cidade na História. Suas origens transformações e perspectivas.** São Paulo, Martins Fontes, 2008.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo, nº10, p. 7-28, dez, 1993.
- POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento e Silêncio. In: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro: v.2, n.3, 1989. 3-15.
- _____. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro: v.5, n.1, 1992. 200-212.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social.** São Paulo: Annablume, 2003.
- SANTOS, Noronha. **As freguesias do Rio Antigo.** Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1965.
- SILVA, Gracilda Alves de Azevedo. **Bangu 100 anos: a fábrica e o bairro.** Rio de Janeiro, Sabiá Produções Artísticas, 1999.
- _____. **As duas faces do Gueto.** São Paulo: Boitempo, 2008.
- PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História oral.** São Paulo: Letra e voz, 2010.
- VIEIRA, William de Souza. **Cenas da Cidade: De cinema à Igreja, a memória do Cine Palácio Campo Grande.** Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro. UNIRIO, 2009.
- WACQUANT, Loïc. **Os condenados da cidade: estudos sobre marginalidade avançada.** Rio de Janeiro: Revan, 2001.
- _____. **Economia e Sociedade. Vol. 1. Fundamentos da Sociologia Compreensiva. Vol. 1.** Brasília: UNB, 1991.